

CRIANDO FOTOGRAFIAS E MEMÓRIAS: UM CONVITE A PAUSA CONTEMPLATIVA

CREATING PHOTOGRAPHS AND MEMORIES: AN INVITATION TO CONTEMPLATIVE PAUSE

Giuliana Bazarele Machado Bruno ^{1,2}
Universidade Federal de Pelotas
Associado/a/e ANPAP: Não

RESUMO

Este artigo apresenta uma reflexão sobre os impactos das tecnologias, suas relações entre tempo e memória a partir de práticas com fotografia pinhole. Vinculado a pesquisa “A Arte de Contemplar: experiências estéticas através da fotografia pinhole”, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal de Pelotas (PPGArtes/UFPel), o estudo articula questões de educação estética e contemporânea. Ele discute como a aceleração, o consumo e o excesso de imagens no cotidiano comprometem a memória e esvaziam o olhar contemplativo. A técnica de pinhole vem como proposição teórica e prática que possibilita o resgate da atenção, da espera e da vivência plena do processo fotográfico, em contraste a instantaneidade predominante nas mídias digitais.

Palavras-chave: Fotografia; Tempo; Memória; Educação Estética; Contemporaneidade.

ABSTRACT

This article presents a reflection on the impact of technologies, their relationship to time and memory, based on practices with pinhole photography. Linked to the research “The Art of Contemplating: aesthetic experiences through pinhole photography”, developed in the Postgraduate Program in Arts at the Federal University of Pelotas (PPGArtes/UFPel), the study articulates issues of aesthetic and contemporary education. It discusses how acceleration, consumption and the excess of images in everyday life compromise memory and empty the contemplative gaze. The pinhole technique comes as a theoretical and practical proposition that enables the rescue of attention, waiting and the full experience of the photographic process, in contrast to the instantaneity predominant in digital media.

Keywords: Photography; Time; Memory; Aesthetic Education; Contemporaneity.



extremos

34º Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

Esta pesquisa propõe-se a discutir sobre a fotografia, investigando suas relações entre o princípio de formação da imagem, com foco no tempo e no resgate de memórias, questionando como as novas tecnologias podem e vem deteriorando essas relações. Tentando compreender o quanto nossos sentidos estão sendo contaminados pelas dinâmicas do mundo contemporâneo, entendo a necessidade de se refletir sobre a linguagem fotográfica, seus processos, mensagens e produtos, e o quanto a facilidade das tecnologias digitais contribuem para o apagamento de nossas memórias. Quem sabe isso seja uma decorrência da quantidade de imagens, de nossa atenção cada vez maior as telas, que vem acometendo diversas gerações as quais tem acesso a um smartphone, por exemplo.

Trago a fotografia aplicada a técnica de pinhole com propósito de pausar o tempo, para que se reconheça o mundo ao nosso redor. Isso, pois ela exige uma espera, o tempo necessário para que ocorra o fenômeno de formação da imagem dentro do objeto isolado de luz. Por um pequeno orifício feito com uma agulha onde os raios de sol adentram, escurecendo os sais de nitrato de prata do papel fotossensível a luz, para então chegarmos ao momento onde a mágica acontece. Para que a imagem seja desvelada é necessário que se realize a revelação meio de químicos, essa parte sempre gera certa expectativa, é quando usamos nossa memória visual para tentar lembrar do que tentamos fotografar. Logo após estarmos com o negativo pronto é preciso que se rebata a imagem horizontalmente, assim como realizar a inversão da cor para obtermos o positivo do registro.

Entendendo que a fotografia pinhole exige de nós desacelerar, pausar o tempo vertiginoso que comanda nosso cotidiano, em contrapartida a instantaneidade induzida por redes sociais. Ela estabelece uma “pausa contemplativa” certamente necessária para que venhamos a perceber o mundo ao redor, rompendo assim com movimentos automáticos como os de like/compartilha. Esse desafio contemporâneo de paralisar vai diretamente recuperar um mínimo de tempo para que seja possível se



refletir criticamente sobre os estímulos visuais que vendam nossos olhos. Creio ser indispensável retirar a máscara que não nos permite manter o foco/atenção por mais de 8 segundos: como iremos formar memórias de momentos tão passageiros? Se passarmos a não produzir memórias e com isso houver o esquecimento dos fatos. Isso pode nos levar a um comportamento de “gado” acrítico, e esse de fato parece ser um modelo comportamental que vem afetando um número significativo de pessoas e que ecoa negativamente na vida em sociedade.

A proposta deste texto se dá através da discussão acerca da fotografia e suas relações com o princípio de formação da imagem, focando no resgate histórico, nas memórias e na relação de desgaste entre os processos analógicos, dadas as facilidades de acesso às novas tecnologias.

Para elucidar o problema em questão neste texto, trago a prática aplicada a técnica de pinhole como um recurso dinâmico para compreensão dos fenômenos necessários para fotografia acontecer de fato. Incluo alguns questionamentos norteadores para o processo da pesquisa em questão. Até que ponto as tecnologias nos impedem de perceber o mundo ao redor? Na busca por respostas pautadas na arte, investigo as mudanças em nossas percepções sensíveis e, o quanto nós indivíduos com acesso as tecnologias viemos sendo afetados pela infinita quantidade de imagens as quais consumimos cotidianamente, e que não param de ser produzidas e reproduzidas. “A enxurrada de informações à qual estamos hoje entregue, prejudica, evidentemente, a capacidade de reduzir as coisas ao essencial”. (Han, 2018).

Baseando-me na imagem como meio de comunicar algo, vejo na teoria de Flusser que nos oferece uma leitura histórica da evolução sobre os códigos de comunicação, ele explica que considera os códigos meios de comunicação que atravessa os tempos. Ressaltando que quando um determinado código se esgota, é necessário que criemos novos códigos, ou seja, novas maneiras para que a comunicação se estabeleça, dito isso, para exemplificar como funcionam tais linguagens e como elas foram se moldando através do tempo, ele busca exemplos de como a imagem foi se



transformando. No período pré histórico cita as imagens/pinturas rupestres como o meio no qual as humanas/os provavelmente esse comunicavam e efetuaram a transmissão cultural de suas práticas e pensamentos. Já no período que Flusser denomina histórico, se trata da língua falada que busca na escrita uma forma de registro, a humanidade passa então a se comunicar através de textos. E por fim, o autor apresenta o período pós histórico/pós industrial, que ele determina “imagens técnicas!, como ele as chama, essas vem da produção de imagens que informam e se espalham através das mídias.

Na atualidade, todos nós nos comunicamos por imagens, sejam fotografias, vídeos, essa rede de registros tem sido a forma como hoje a maioria das pessoas comunica algo. As mídias se aproveitam dessa disseminação de imagens produzidas por quaisquer pessoas, sejam essas relevantes ou não, sejam elas boas ou ruins.

Um exemplo recente vem da cobertura ao vivo de uma guerra, por exemplo a de Gaza e Israel, iniciada em outubro de 2023, após as forças do HAMAS invadirem Gaza cometendo diversos atos terroristas; Israel em resposta aos ataques e por querer dominar seu território ataca sem prescedentes, muito menos sem pensar nos inocentes ou residentes locais. Bem diferente da Guerra no Afeganistão(iniciada em outubro de 20001), quando forças dos Estados Unidos da América invadiram o Afeganistão em busca de culpados dos atentados do 11 de setembro, e as imagens que chegavam a nós eram na maioria divulgadas por veículos de mpidia internacional, hoje dão produzidas pelas próprias vítimas, mostrando a guerra em tempo real, todos os dias o tempo todo.

Essa forma contemporânea de comunicar, faz com que as imagens comuniquem até com maior facilidade de compreensão que os textos. As próprias plataformas digitais vem se adequando e colocam a imagem como destaque, já o texto vem como uma opção (ver mais...), e o público decide, ler ou somente curtir e passar para a próxima publicação.



Outra questão relevante que levanto é **O quanto essa quantidade desenfreada de conteúdo afeta nossa memória e nosso imaginário?** Todos esses processos, produtos e mensagens os quais as imagens geram, já não fazem o mesmo sentido. Muitas vezes deixamos de apenas vivenciar momentos especiais, para guardá-los em pastas virtuais, para buscarmos essas informações através dos meios digitais o que facilita e muito. Porém, é possível que estejamos absorvendo menos informações pela memória, por que, de modo contraditório, estamos o tempo todo gerando novas e novas imagens de todas as coisas que não queremos esquecer.

O imaginário é um reservatório/motor. Reservatório agrupa imagens, sentimentos, lembranças, experiências, visões do real que realizam o imaginado, leituras de vida e, através de um mecanismo individual/grupal, sedimenta um modo de ver, de ser, de agir, de sentir e de aspirar ao estar no mundo. O imaginário é uma distorção involuntária do vivido que se cristaliza como uma marca individual ou grupal. Diferentemente do imaginado --- projeção irreal que poderá se tornar real ---, o imaginário emana do real, estrutura-se como ideal e retorna ao real como elemento propulsor. (Silva, 2003, p. 11-12).

Há algo de interessante nos questionarmos quanto as mudanças no modo como produzimos imagens, pois a comunicação através das mesmas gera uma nova forma de leitura. Sim, as imagens informam e ao mesmo tempo deformam, jovens por exemplo estão cada vez buscando produzir imagens e não textos, não estão mais habituados à leitura apenas, haja visto o número de opções que se apresentam como mecanismos de pesquisa. Boa parte dos nascidos pós anos 2000 está mais habituada a confiar em uma informação dada pelo Google, por exemplo, do que ir à uma biblioteca pesquisar, se é que o fazem.

Independente do mecanismo, ambos podem conduzir a uma resposta, e o movimento acelerado no qual vivemos, faz com que sejamos apressados, procurar no Google é mais rápido, demanda apenas alguns dados de internet e dedos afiados para digitar sobre qualquer informação. O que preocupa não são as ferramentas de pesquisa em



si, mas como esses jovens estão deixando de pensar, elaborar respostas por si só, eles estão comunicando através desses mecanismos, o que faz com que diminuam a capacidade de refletir criticamente sobre quaisquer assuntos.

Consciente da necessidade de repensar formas de instigar e aguçar a vontade de retornar à memória e à reflexão, é que trago a proposição de uma produção através da técnica de fotografia pinhole, a fim de estimular pausas criativas que despertem a curiosidade genuína, o que se torna um desafio na rotina acelerada vivenciada por todos nós.

Em contextos educativos, isso se traduz como um desafio pedagógico: como estimular a construção de memória e sentido em uma geração habituada à visualidade imediata e a pesquisas cada vez mais rápidas e em plataformas duvidosas? O conhecimento, antes construído em processos longos e reflexivos como ir em busca de referências, ou orientação publicada, o que implicava em consultar livros, confrontar fontes, hoje frequentemente são substituídos por respostas rápidas e superficiais sem qualquer confirmação.

Nesse sentido, e na contrapartida ao aceleração, a fotografia pinhole exige uma espera, tem todo um tempo necessário para percebermos o mundo ao redor. Escolhermos o local, determinamos a posição da luz e o que ela pode ou não registrar, imaginarmos o que será capturado, contarmos o tempo em que vamos abrir a porta da câmara para que o fenômeno ótico de formação da imagem aconteça dentro da caixa preta, tempo esse que é fundamental para que os sais de nitrato de prata escureçam, assim que atingidos pelos raios solares que atravessam o minúsculo buraco da agulha. É aí que a mágica acontece, e através da revelação por meio de químicos é possível se obter o desenvolvimento, o negativo do registro. O momento da revelação é sempre surpreendente, gerando uma expectativa de algo que não se tem controle. O propósito é esse, estimular a contemplação, esperar, explorar e observar o mundo ao nosso redor, perceber esse mundo em contrapartida à instantaneidade



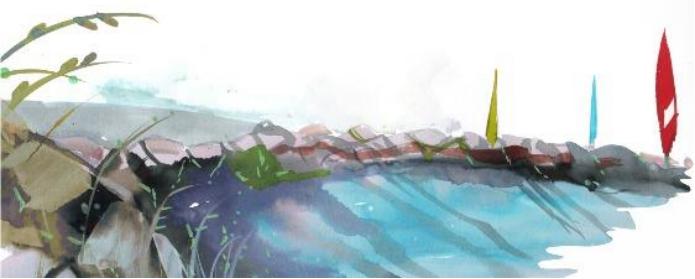
digital, a perfeição dos registros pré estabelecidos ao qual estamos cada vez mais habituados.

É um desafio enorme parar em um mundo acelerado, cheio de informações e pressa, uma pressa que faz com que esqueçamos de lembrar. O tempo é um artigo precioso. Parar, respirar, refletir sobre os resultados, entender e compreender os processos, guardar momentos e lembranças, retirando a máscara que nos faz perder a atenção e o foco, provocando os participantes e expectadores, a produzirem além das imagens, um resultado único e passageiro, sempre renovadas memórias.

Deixo aqui um questionamento final que reflete diretamente em cada um de nós, estaremos nós dispostos a memorizar? Pensando em como estamos utilizando nosso tempo, pois nossa exposição a telas está maior do que a contemplação do mundo lá fora, será pela distância ou por preguiça de socializar e ter que gastar certa energia com outros seres tão cansados que nem sequer conseguem formular pensamentos minimamente concisos. Sugerindo que a memória, antes construída a partir da vivência e da repetição simbólica, passa agora a depender das tecnologias para existirem em grande maioria nos arquivos digitais, muitas vezes inacessíveis ou esquecidos em nuvens de armazenamento.

Referências:

- FLUSSER, Vilém. **A Filosofia da Caixa Preta**. São Paulo: Hucitec, 1985.
- _____. **O universo das imagens técnicas**: elogio da superficialidade. São Paulo: Annablume, 2008.
- HAN, BYUNG-CHUL. **No enxame - Perspectivas do digital**. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.
- SILVA, Juremir Machado da. **Tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2003.



extremos

34º Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

Notas

¹ Mestranda do PPGArtes, do Centro de Artes/UFPel. Graduada em Artes Visuais - Licenciatura, é pesquisadora do PhotoGraphein - Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação (UFPel/CNPq). Bolsista CAPES – DS (2025). E-mail: giulianabmb@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-5074-4972> Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/1011243169647720> . Rio Grande, RS.

² Orientadora, Claudia Mariza Mattos Brandão Professora da Universidade Federal de Pelotas, UFPel (RS), atuando no Programa de Pós-Graduação em Artes da mesma universidade. Doutora em Educação (UFPel, 2012), com Pós-Doutorado em Criação Artística Contemporânea (Universidade de Aveiro, PT, 2019) Lattes ID: <https://lattes.cnpq.br/4898554772122279> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2161-4779> Contato: claummattos@gmail.com Rio Grande, RS.
